

Financiamento

Desempenho melhor de grãos dá ânimo ao produtor, mas preços em alta são desafio

Setor busca recuperação após perdas provocadas por eventos climáticos extremos e pelo endividamento

Ana Esteves

O agronegócio gaúcho enfrenta em 2026 um cenário econômico desafiador e chega ao Dia do Produtor Rural, celebrado em 28 de julho, com poucos motivos para comemorar. A combinação entre o aumento dos custos de produção e preços das commodities pressionados, reduzindo a margem do produtor, ocorre em um momento em que parte do setor ainda busca recuperar a capacidade financeira, após sucessivas perdas provocadas por eventos climáticos extremos e pelo endividamento dos produtores.

Dados do relatório mensal dos Índices de Inflação do Agronegócio do Rio Grande do Sul, divulgado em junho pela Assessoria Econômica da Federação da Agricultura do Estado do Rio Grande do Sul (Farsul), mostram que o Índice de Inflação dos Custos de Produção (IICP) registrou variação positiva de apenas 0,04% em maio, enquanto o Índice de Inflação dos Preços Recebidos pelos Produtores Rurais (IIPR) apresentou retração de 1,98%, interrompendo a sequência de altas, observada nos meses anteriores.

O economista-chefe da Farsul, Antônio da Luz, diz que os custos de produção apresentaram relativa estabilidade nos últimos meses, mas o cenário tende a mudar no segundo semestre em razão da alta do petróleo no mercado internacional que exerce influência direta sobre produtos derivados, como fertilizantes nitrogenados, especialmente a ureia, e também impacto indireto sobre praticamente toda a cadeia produtiva, ao elevar os custos de transporte, logística e industrialização dos insumos agrícolas.

“A alta do petróleo chega até a fazenda, pois quando sobe o custo da energia e dos combustíveis, aumenta o preço para produzir, transportar e entregar os insumos ao produtor”, explica Luz. Na avaliação do economista, os reflexos dessa elevação devem começar



TÂNIA MEINERZ/JC

Soja, milho e outras commodities tendem a apresentar desempenho melhor no próximo ciclo, avalia Farsul



ARQUIVO PESSOAL/DIVULGAÇÃO/JC

Augusto Alvim

a aparecer de forma mais intensa entre os meses de setembro e outubro, justamente no período em que os agricultores realizam as compras para a safra de verão.

Para Augusto Alvim, economista e professor da Escola de Negócios da Pontifícia Universidade Católica (Pucrs), a crise do agronegócio gaúcho é estrutural e se materializa de forma diferenciada conforme o tipo e a escala de produtor, criando uma dinâmica intrarregional de fragmentação. “Grandes



DANI BARCELLOS/ESPECIAL/JC

Antônio da Luz

produtores capitalizados absorvem custos crescentes via escala, médios e pequenos agricultores familiares, frequentemente em áreas de maior fragilidade (encostas, solos degradados), enfrentam margens comprimidas que impedem renovação tecnológica”, avalia.

Apesar das dificuldades, a expectativa para os preços internacionais das commodities agrícolas é mais positiva do que a observada em 2025. Na avaliação do economista da Farsul, soja, milho e outras

commodities tendem a apresentar desempenho melhor no próximo ciclo, permitindo uma recuperação da margem operacional das propriedades. “O produtor deverá ter uma margem bruta superior à do ano passado. Os preços tendem a subir mais do que os custos de produção”, avalia.

Entretanto, essa melhora não deve se refletir integralmente na renda líquida dos produtores gaúchos. Isso porque o elevado endividamento acumulado após sucessivos eventos climáticos extremos faz com que uma parcela significativa da receita seja destinada ao pagamento de juros e amortização de financiamentos. “O grande problema hoje não é mais a margem bruta, mas a líquida. O produtor gera resultado operacional, mas boa parte desse dinheiro acaba comprometida com o serviço da dívida”, afirma.

Outro fator que amplia a insegurança do setor é o atraso na regulamentação do Plano Safra 2026/2027. Embora o programa

tenha sido anunciado pelo governo federal, até o fechamento desta edição, as normas operacionais ainda não haviam sido publicadas. Sem essas regras, as instituições financeiras não conseguem operacionalizar as linhas de financiamento, retardando o acesso dos produtores ao crédito justamente na fase de aquisição de fertilizantes, sementes, defensivos e demais insumos.

“O produtor está perdendo tempo. Estamos praticamente um mês após o lançamento do Plano Safra e muitas operações ainda não podem ser contratadas porque faltam as normativas”, afirma. Segundo Luz, essa demora ocorre justamente em um período decisivo para o planejamento das lavouras de verão, podendo afetar o ritmo das compras e até o custo final da produção. Para a Farsul, a recuperação econômica do campo dependerá de um conjunto de fatores: funcionamento efetivo do Plano Safra, ampliação do acesso ao crédito, solução para o endividamento acumulado, estabilidade dos custos de produção e condições climáticas favoráveis.

Expediente

Editor-chefe: Guilherme Kolling | Editores-executivos: Fernanda Crancio e Mauro Belo Schneider | Subeditora de Cadernos Especiais: Bruna Suptitz | Reportagem: Ana Esteves e Claudio Medaglia | Diagramação: Gustavo Van Ondheusden, Ingrid Müller e Alice Marques